

CRIANDO A ESPERANÇA

CELSO ARAUJO

Planaltina é uma cidade de saudosismo goiano e pressa brasiliense. Uma imensa favela que se espraiou em torno da antiga vila do Mestre D'Armas e fez unir o velho ao novo, a paciência goiana à agonia nordestina. Forró e catira. A passagem dos seus 121 anos parece dar mais impulso a esse encontro de origens brasileiras. A cidade se desdobra em inaugurações, dança, música, folia, desafio, teatro e exposições, dentro da programação intensa onde se inclui a inauguração amanhã, de uma loja de artesanato no Museu histórico do lugar.

Mas o que tem a ver a criação de uma loja de artesanato? Ora, respondam os próprios artesãos de Planaltina e eles dirão que essa é a primeira esperança para mais de uma centena de pessoas, para a sobrevivência de uma população cujas origens estão no artefato e não no consumo. As coisas passam a ser revividas, parece dizer o administrador regional, Salviano Monteiro, filho de líderes políticos da terra.

E é em razão de sua própria história que os artesãos não poderão jamais ser esquecidos. Planaltina já surgiu sob o signo dos ofícios manuais, com os remanescentes de bandeirantes que ali foram se estabelecer. Salviano defende a criação na cidade de estruturas que possam levá-la a ter a dimensão de um município como o de Embu.

Não tanto aos moldes paulistas. O que se espera em Planaltina é o surgimento de uma cultura bem particular do Brasil, uma cultura de necessidade. Os conhecimentos do homem goiano vivenciados com os migrantes de todo o País, especialmente os nordestinos, após a construção de Brasília. Contra o desemprego e a marginalização de mais uma cidade periférica de Brasília.

As desavenças estão acabando em Planaltina, pois até há pouco tempo os tradicionais não aceitavam os intrusos e um certidão silencioso servia de muro de separação. O artesanato também vem causando esses encontros, as relações de comunidade. O que se faz em Planaltina é artesanal, desde o tear à roupa e vestí, da música ao cobertor. Mas para que sua população possa livrar-se da relação de dependência direta para subsistir, num mercado cada dia mais saturado como o de Brasília, é preciso que surjam as condições para que ali vá se instalar esse centro ideal de produção.

O programa da Administração Regional tratou de início de chamar todo esse pessoal de volta, alguns até mesmo marginalizados



María Antônia: há 40 anos no tear

por um processo social que Gisela Magalhães, encarregada de assuntos culturais, assim define:

"Até há bem pouco tempo e ainda hoje em menos quantidade, encontramos no Brasil regiões, cujo processo econômico obriga a produção de objetos artesanais para função utilitária. Esse objeto tem a carga de uma tradição contínua, revelada tanto na sua feitura quanto no seu uso e, conseqüentemente, na sua forma. Ele serve-se de uma tecnologia gerada principalmente pelas condições ambientais e tradições aculturadas das várias etnias que compõem o nosso povo. Nesse contexto, a presença do produto industrial modifica completamente a relação artesão/consumidor que de indispensável mestre de ofício passa a fabricar um produto menos valorizado que o industrial".

Os artesãos foram marginalizados. Planaltina se voltou para o consumo que lhe era oferecido no mercado centralizado e quase entra na condição de ser apenas cidade-dormitório de Brasília. Segundo Salviano, foi necessário convocar as pessoas que faziam trabalhos há algum tempo e haviam parado por desestímulo. Gente que não se ocupava mais de

sua habilidade:

- A conscientização dos valores a serem preservados, dos conhecimentos próprios da comunidade, devem ser preservados, pois podem até trazer melhores condições econômicas. Não pretendemos ser um centro econômico. Planaltina caminha para ser um centro cultural, de produção de arte e ainda estamos dando os primeiros passos.

A corrente tradicional de artesãos de Planaltina pratica o que se chama um artesanato utilitário (roupas, tecidos, objetos domésticos), e é a fusão com as características do artesanato figurativo, trazido pela população nordestina, que pode provocar novas maneiras de fazer.

As dificuldades são imensas. Os objetos e produtos criados nem sempre têm saída fácil, pois até agora Planaltina não possuía pontos de vendas. Ao artesão só restava vir procurar espaço na concorrida feira da Torre de Televisão. O que significa despesa com transporte e alimentação. Ou então abandonar o ofício definitiva ou temporariamente.

A tecelã Maria Antônia, mineira de Palmital, quase chega a abandonar o seu velho tear, que trouxe



Messias e Selvino: o barro é mandado buscar em Ceres



Helena da Conceição: na torre não deu certo

de longe. Há quarenta anos ela cruza as linhas, manufatura, para sustentar os filhos. "Trabalhei a morrer", lembra Maria Antônia, desde os dez anos de idade, quando menina, órfã ficava espiando a sua "cuidadeira" trabalhar no tear.

Mas o marido ficou doente; não pôde mais trabalhar e Maria se encarregou da família. A concorrência, no entanto, foi brutal para quem não tinha condições de produzir e comercializar ao mesmo tempo. Uma colcha muito bonita, que ela passa entre quatro e seis dias para concluir, custa uns cinco mil cruzeiros e os preços da linha estão um absurdo.

Não é mesmo o fato de poder ir vender na feira da Torre que vai facilitar a situação desse pessoal. Prova disso é a vida da costureira Helena Maria da Conceição, que trabalha em crochê, e muito bem, mas nunca pôde competir pelos esquemas de boutique da feira da Torre. Sustentando os quatro filhos, morando em condições precárias, ela tem que dividir o tempo na criação de quatro crianças e na confecção dos tecidos.

Como ela, todos acreditam que a abertura da loja no Museu dê chances a todos os artesãos da cidade de continuarem com a sua

produção. Segundo o ceramista Selvino, o artista popular vive hoje, pensando nas galerias, que nem sempre querem pagar o preço de custo dos objetos.

Selvino é baiano e reparte o trabalho com a goiana Messias, que também trabalha com ele e os filhos menores no barro. Eles fazem bonecos e objetos de casa, com o barro encontrado mesmo em Planaltina, e às vezes, é mandando buscar em Ceres, Goiás.

Planaltina, busca agora a diversificação do seu artesanato, para fugir inclusive, aos modelos padronizados em todo o País e não extinguir seus traços culturais. A abertura da lojinha é o primeiro passo para criar mais uma atração para os visitantes, dando movimento a uma cidade que todos sentem com vocação turística.

A partir de agora, a lojinha do Museu vai estar sempre aberta para favorecer esse intercâmbio. Nesses dias de comemoração dos 121 anos do lugar, o que é mais importante para seu povo é que tenha condições para trabalhar, não se sinta inúteis ou explorado quando sabe fazer tanta coisa e quando carrega ainda, com distinta singularidade, muita esperança, mesmo que a realidade lhe esteja cruel aos olhos da cara.